



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Centro, 28-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Enc. tel. 7.146—Lisboa—Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TUDO MENTIRA, FINAL

O SR. SÁ CARDOSO E A SUA OBRA

Um governo que se afirma defensor da ordem e da legalidade, mas que só tem provocado a desordem e a praticado violências

Todos os dias a imprensa governamental grita à opinião pública que o actual governo, presidido pelo já famoso sr. Sá Cardoso, tem praticado em manter escrupulosamente a lei, a tranquilidade, as liberdades públicas e individuais. Tem-se afirmado estas cousas com o maior desprazer, sem aquele constrangimento de quem sabe que está a mentir. A campanha pró-governo prova bem como a verdade tem sido arrastada pelas ruas da amargura. Diz-se que o governo é um fiel cumpridor das leis do país. Mentira! A lei do inquilinato, que algumas garantias dá aos locatários, raras vezes é cumprida na prática, a estes é favorável, os que dessas disposições benignas se queiram utilizar, metem ombros a uma empresa de tal forma trabalhosa e cara que em muito sobrepõe os prejuízos que do cumprimento das imposições dos senhores poderiam resultar. Pelo contrário, sempre que os senhores, essa chusma de exploradores insaciáveis de que são vítimas milhares e milhares de criaturas, alguma nova infâmia tentam pôr em prática, sempre descobrem alelopes e artimanhas nas disposições da lei que a prática dessa infâmia facilitam, artimanhas e alelopes que eles facilmente manobram porque as autoridades, sem que o governo procure contrariar a sua belista acção, bem pelo contrário, lhes concedem as maiores facilidades, estando sempre dispostos a satisfação dos seus mínimos desejos.

Isto dá-se com a lei do inquilinato. Todo o mundo o sabe: todos se revoltam contra esse desrespeito à lei da parte dum governo que perante o país se afia a mascarar a legalidade. Dá-se com a lei do inquilinato e repete-se com a lei do horário de trabalho. É uma lei abertamente favorável ao proletariado, demonstrativa da boa vontade governamental para com as milhões de trabalhadoras—dirão. E muitos estão firmes nessa crença, sem verem que ela é filha dum persistente movimento da classe operária, uma velha reivindicação porque muito se lutou e se transformou numa realidade porque as lutas políticas durante esse frio inverno de 1918 necessitaram da besta de carga, da carne dos trabalhadores para combater a rebelião de outras classes que, vendo as outras constantemente agarradas à gamela, sem nunca se fartarem, se tinham levantado em armas porque da comensina também queriam participar.

Foi após a luta contra a reacção monarchica e religiosa que os poderes públicos arremessaram aos generosos defensores duma falsa democracia esse asso esburrado da lei das 8 horas, julgando que com ele sobejavam pagando os sacrificios feitos e o sangue proletário que abundantemente caíra na defesa duma causa que não era dos trabalhadores que compelia defender. Julgavam que tinham praticado um acto de prodigalidade e prestes se arrendariam. A aplicação da lei foi adiada várias vezes e agora, que ela está em prática, é abertamente desrespeitada em poderosas Companhias, em inúmeras pequenas, nos próprios estabelecimentos fabris do Estado, sem que o governo do sr. Sá Cardoso, sem que os ministros desse soldadinho integerrimo cumpridor das leis do país, faça o mínimo esforço para que ele seja respeitado, para que o comércio e a industria se curvem ao império da lei. É afirmado este gabinete amigo da legalidade, que respeita a legalidade, desde que da não belisque, embora ao deleve, os interesses burgueses.

Sucede isto com a lei do inquilinato e repete-se com a do horário de trabalho. Mas o mesmo se dá com as leis dos acidentes no trabalho, arbitros avindos, fiscalização do trabalho das mulheres e menores uns fabricas, descurando e tantas outras de que a imprensa burguesa tem feito largo uso, para demonstrar o amor das instituições pela classe trabalhadora, mas que se cobrem de poeira nos arquivos ministeriais sem que se pense em as tornar uma realidade palpável, em suavizar a sorte dos proletários, desses proletários que constituem as massas e verdadeiras forças do vivas país e que tam desrespeitados são.

Mas ao passo que a legislação de carácter social é votada ao mais completo desprezo por parte dos poderes públicos, não sendo em absoluto lícito por parte das classes trabalhadoras se tem atorçado pela sua defesa, eis diplomas legislativos que algo de iniquo encerram contra a organização operária são zageradamente interpretados, buscando-se nas suas entrelinhas os desejados pretextos para perseguições ao movimento sindicalista. Vão-se buscar leis velhas, leis revogadas, leis sem validade, improvisam-se leis, só para se fazer guerra de morte aos sindicatos e à imprensa avançada. Basta recordar a este respeito a medida de excepção imposta a *Batalha*, para que este jornal não publiquasse cousas que não eram do agrado do governo, mas que eram e são do agrado de todas as massas, foram-nos aplicadas duas ordens de excepção que a ditadura reservava para os seus inimigos.

Mas ao passo que a legislação de carácter social é votada ao mais completo desprezo por parte dos poderes públicos, não sendo em absoluto lícito por parte das classes trabalhadoras se tem atorçado pela sua defesa, eis diplomas legislativos que algo de iniquo encerram contra a organização operária são zageradamente interpretados, buscando-se nas suas entrelinhas os desejados pretextos para perseguições ao movimento sindicalista. Vão-se buscar leis velhas, leis revogadas, leis sem validade, improvisam-se leis, só para se fazer guerra de morte aos sindicatos e à imprensa avançada. Basta recordar a este respeito a medida de excepção imposta a *Batalha*, para que este jornal não publiquasse cousas que não eram do agrado do governo, mas que eram e são do agrado de todas as massas, foram-nos aplicadas duas ordens de excepção que a ditadura reservava para os seus inimigos.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Superstição e ignorância
O *Seculo* tem agora lá por casa um redactor que não honra muito as suas tradições literárias. Por certo é um desses redactores novos, vindos da *Ordem* ou um recensado dalgum seminario provincial. É supersticioso como burro, o nosso illustre confrade. Ora veja-se: salienta ele que os seis tripulantes da barca portuguesa *Corina*, que foi a pique em frente do Cabo de Finisterre, andando há quatro dias sobre as ondas numa baleira, haviam já encomendado a alma ao Criador e ajoelhado no fragil batel e confiado apenas à oração, quando, de súbito—oh! milagre do divino espirito santo!—apareceu um vapor suco que os salvou.

No mesmo numero, na narrativa da morte do aviador francês Bourgeois, no campo de aviação da Amadora, tem o *Seculo* também o cuidado de salientar que o desventurado caixeiro-viajante de uma grande casa construtora de aeroplanos que aqui veio em reclamo da marca dos seus aparelhos, não vovava nunca sem levar consigo uma pulseira com três pequenas medalhas, oferta de uma pessoa querida e que ele considerava como sendo a sua "mascote"; antemont, porém, esqueceu-se dela no hotel, parecendo que ficou impressionado ao dar pela falta, momentos antes de subir.

Conclui-se, afinal, que os elogios que o *Seculo* faz ao infatigável aviador, chamando-lhe distinto e destemido, não cabem ao infeliz Bourgeois, mas à sua pulseira, pois, uma vez sem ela, o aviador, em vez de subir, desceu.

Houve, porém, uma circunstância que o *Seculo* não conveiu notar: é que o aparelho em que Bourgeois encontrou a morte era português, Spad, e tinha em cada uma das quatro azas a Cruz de Cristo pintada a vermelho!

E com estas e outras superstições e tolices vão-lhe jumentando mais os leitores. E, depois, a imprensa—alavanca do progresso—bera que o nosso povo é ignorante! Berra, e com razão. Mas devia acrescentar: «a nossa imagem e semelhança».

Doce ilusão
Anda para si toda a reacção batendo as mandíbulas e as mãos de contentamento por os socialistas terem perdido as eleições em França. Nessa derrota enxerga a reacção o afastamento para muito longe, senão a impossibilidade completa, de uma revolução social. Deixemolha nessa doce ilusão, que o tempo não deixará durar muito. A massa que acode, pressurosa às urnas a delegar o seu poder nos outros, em cujas mãos confia os seus destinos e os de seus filhos, não é a que fará a revolução—creiam nisso os conservadores. A massa eleitoral é sempre reacçãoária.

O que querem mudar
De Roberto Millie, o conhecido militante operário inglês:
«Quem lava a terra e semeia o grão? Quem ceifa a seara e mói o cereal? Quem coze o pão e o distribui aos consumidores? O povo trabalhador.
«Quem abre as minas e escava o carvão, o ferro, a cal, que vão produzir o aço, tam essencial em quasi todas as indústrias nacionais? O povo trabalhador.
«Mas—dizem os donos deste nosso país—nos consentimos que cultiveis o solo, e ceifais a seara, e moais e coais; permitimos que caveis os poços e mineis o carvão, o ferro, a cal, todos os minérios da nossa terra; deixamos que construís as casas no nosso terreno; damos licença para que assentéis linhas férreas no chão que nos pertence; e com certeza, em paga de vos autorizarmos a fazer uso da nossa terra, temos direito ao melhor que é produzido. O melhor das substancias e do vestuário deve ser nosso por vos deixarmos fazer fructificar as nossas terras. Os solares e palácios são para as nossas familias, porque vos deixamos viver nas nossas propriedades».

«Pois bem, sim, queremos mudar isto! Sim, queremos um sistema de produção para beneficio de todos, com o livre direito de todos ao uso dos recursos naturais da terra para bem da colectividade».

EM ITÁLIA

Colisões graves

Uma bomba contra manifestantes socialistas
ROMA, 18.—Os jornais de Milão dizem que foi lançada uma bomba sobre os manifestantes socialistas, ficando três gravemente feridos.

Os manifestantes tentaram cercar a sede da associação dos ex-combatentes; a força armada interveiu, fazendo uso das armas, ficando 25 feridos. Foi proclamada a greve geral. Cinco *arditi* (são os patriotas da guerra) foram presos em virtude de terem lançado a bomba.—H.

As eleições em França

PARIS, 17.—O sr. Alexandre Blanc foi eleito por Vaucuse, o sr. André Leferre pelo Bouches-du-Rhône, o sr. Abel, governador geral de Argélia, pelo Var, o sr. de Dion pelo Loire inferior; o sr. Reanndel foi batido no Var. A lista particular do sr. Murat bateu a lista do sr. Mourie no Lot. Da lista da união republicana o sr. Abramati foi eleito pela segunda circunscrição do Pas de Calais.—H.

EM SETÚBAL

AINDA A QUESTÃO DA PESCA

Os sucessos do dia 18—A atitude dos fabricantes perante os marítimos—As mulheres das fabricas recusam-se a trabalhar com o peixe dos vapores—Várias

SETÚBAL, 21.

Não tiveram a importância que a princípio se lhes attribuiu nesta cidade os sucessos do dia 18, entre as tripulações dos cercos à vela das sociedades de Setúbal e as tripulações dos cercos a vapor.

Em resultado do terrorista boato espalhado por um fabricante e alguns marinheiros, alhauram a capitania do porto centenas de pessoas a fim de colherem informações junto do capitão do porto, sobre o que havia de verdadeiro. Como fôsse enorme a massa popular que ali se juntou, onde predominavam as mulheres, compareceu no local uma força da guarda republicana a fim de as dispersar, tendo sido a capitania invadida pelo povoel, reciosos de ser pisados pelas patas dos cavalos.

A este tempo também pela praia se espalhava grande quantidade de curiosos, desejosos de noticias mais seguras acerca do ocorrido, os quais comentavam os boatos a seu modo.

Às 17 horas surgiram dos lados da barra alguns galeões rebocados por um vapor, os quais a princípio se supoz conduzirem feridos ou mortos, mas, felizmente, momentos depois notava-se virem cheios de sardinha. Eram 10 barcos, sendo 13 dos sociários e 3 dos cercos americanos, (dos patrões), como aqui são conhecidos.

Atacaram ao cais, pelas 18 horas, a fim de ser o respectivo peixe, posto à lota, o que não aconteceu por o sol estar no oco e a bandeira nacional ter sido arriada a bordo da canhoneira *Zambese*, sendo principio seguido que, depois da bandeira ser arriada a bordo daquele vaso de guerra, não se permitia que o peixe seja vendido senão no dia immediato, ao haster da mesma.

Por este motivo ordenou o capitão do porto, que se encontrava no cais da Conceição, bem como o comandante do regimento de 11 de infantaria, administrador do concelho e demais autoridades, que os buques fôsem fundear à praça da canhoneira *Zambese*.

Antes da chegada destes barcos tinham chegado também os três cercos a vapor e os seus respectivos buques, nos quais vieram os marinheiros que para seu bordo tinham ido para os guardar e que foram os comunicantes das noticias terroristas que na cidade se espalharam.

No cais da Conceição encontravam-se também forças da guarda republicana, de infantaria 11 e da policia, que impediam que os populares se dirigissem para ali.
No dia immediato, quarta feira, resolveram os fabricantes, segundo se afirma, não comprar o peixe aos marítimos em sinal de protesto pelo que estes tinham feito aos seus vapores e tripulantes, mas como reaccão que tal atitude fôsse mal recebida pelas outras classes, resolveram comprar a sardinha por baixo preço e tendo ido para a lota começaram por oferecer por cada canastra de peixe, que antes pagavam por 16800 e mais, 2550 e 3800. Não se conformaram, porém, os sociários dos cercos com tal preço, vendo estes, nessa exiguidade, nada mais do que uma represália a que eles não se poderiam sujeitar, resolvendo, por isso, ir vender grande parte a Cezimbra. Mais tarde, porém, foi subindo a sardinha de preço até que chegou a vender-se a 5800 a canastra, sendo a maior quantidade de sardinha vendida por este preço.

Conveniu esclarecer que neste dia, de manhã, se encontravam no cais cento e tantos buques de sardinha.

As mulheres dos polticos

Procurou-nos uma comissão de mulheres de trabalhadores de fabricas de conservas para nos comunicar que, tendo apresentado junto da autoridade administrativa um protesto contra os cercos a vapor, aquela autoridade lhes fez sentir que nada tinha a interferir nesse caso, mas sim o ministro da marinha, a quem poderiam dirigir uma representação nesse sentido.

Mais nos disseram que depois do administrador do concelho se ter comprometido a assistir a uma reunião a tal se recusou depois, alegando que não fazia para não cair mal nas outras classes envolvidos no conflito.

Pediram-nos também estas operarias para que nas colunas de *A Batalha* lavrássemos um protesto contra os cercos a vapor, bem como contra a presidente da sua associação por não lhes ter permitido que ali se reunissem, como o pretendiam fazer.

A capital foi uma comissão destas operarias entregar ao ministro da marinha uma representação, na qual protestam contra os cercos a vapor.

Quasi todas as operarias das fabricas de conservas resolveram não trabalhar com o peixe pescado pelos cercos a vapor, tendo, em resultado de tal proposta, algumas fabricas que mandam o peixe para fora da cidade, a fim de ser desabastecido.

Como na fabrica S. João tivesse entrado peixe que, a principio, disséram as operarias que ali trabalhavam, não ser dos vapores, mas que estas sonberam mais tarde ser comprado n'aquelles barcos, abandonaram o trabalho, ficando apenas três delas a trabalhar.

Nas fabricas Latina e Bela Vista também as mulheres não quiseram trabalhar com o peixe por ser dos cercos a vapor.

Com o capitão do porto conferenciou hoje a comissão de pescarias, ignorando-se qual o resultado da conferência.

Já se vendeu, hoje, em melhores

A' POPULAÇÃO DE LISBOA

Contra os senhores gananciosos!

Não pode o povo de Lisboa conservar-se alheio às manifestações de protesto que a União dos Sindicatos Operários, como legítima representante do proletariado organizado, vem levando a efeito contra os sórdidos senhores que, sofismando a lei do inquilinato, estão, com a aquiescência, senão com a cumplicidade do governo e das autoridades, elevando desmesuradamente a renda das casas, ao mesmo tempo que a Associação dos Proprietários prepara terreno para que aquela lei seja modificada de molde a permitir aos senhores uma extorção maior sobre a população da capital.

Os protestos individuais não tem valor algum. O que vale, o que perdura são as manifestações colectivas e estas fazem-se, primeiro, accorrendo a população de Lisboa às sessões de protesto que se estão realizando nas associações operárias, e, depois, indo em massa ao grande comício publico.

Quem se deixa ficar em casa não tem autoridade moral para queixar-se.

HOJE

Sessão pública, às 20 horas, na sede da Associação dos Empregados da Carris de Ferro, Travessa dos Remolares, 28, 1.º

condições, a sardinha, constando-nos que regulou entre 9800 a 10800 a canastra.

Como ontem fôsse, pelos fabricantes, resolvido ser o peixe comprado por alturas, para o que organizaram uma relação numerica, foram, parte deles, ludibriados, do que resultou abrirem-se divergências entre estes.

A autópsia ao cadáver do pequeno Domingos

Realizou-se no dia 18, no cemitério, desta cidade, a autópsia do infeliz Domingos André, aquele rapaz de 15 anos, morto no sabado, 15, á noite, na praia do Seixal.

Ao exame, que foi executado pelos Drs. srs. Pereira de Almeida e Fernando Garcia, compareceram quasi no final da operação dois delegados da classe marítima.

Depois da abertura do cráneo do desditoso André, encontraram-se sobre a mesa onde se encontra o corpo, uma bala que os medicos e as restantes autoridades assistentes declararam ser de pistola.

Sobre a morte deste infeliz há um grande mysterio que justo seria desenvolver-se, mas já aqui estamos o ver o resultado.

Por motivo da morte deste desgraçado encontraram-se as portas da morte, tal o choque que aquela infeliz sofreu.

Foi a Lisboa uma comissão composta de fabricantes de conservas e delegados das classes terrestres anexas á industria de conservas, a fim de entregar ao ministro da marinha uma representação na qual protestam junto do governo contra a forma como os marítimos se tem conduzido, chamando para o caso a sua atenção.

Para garantir a liberdade de pesca encontraram-se neste porto, além da *Zambese*, os destroyers *Douro* e *Tejo*.

Nota-se já grande descontentamento em parte dos componentes das classes terrestres por motivo da attitude que os seus gerentes estão agora tomando, constando-nos que há dentro d'aquellas classes divergências de opiniões.

Várias

Procurou-nos a camarada Maria Luisa, presidente da Associação das Operarias de Fabricas, para nos declarar que é menos verdadeira a noticia publicada em *A Batalha*, de hoje, referente á sua pessoa e á secretária daquela associação.

Diz-nos a camarada Maria Luisa que perante o conflito da pesca tentou, por mais de uma vez, reunir a sua classe, o que nunca lhe foi possível porisso se oporem as mulheres dos marítimos e que, em parte alguma, tem tomado compromissos sem o puro conhecimento da sua classe, visto o desmantelamento da mesma, e assegura-nos que a maior parte das mulheres dos marítimos que tem andado a impedir as outras de trabalhar não são associadas.

Por amor á verdade, oferecemos declarar que tivemos occasião de presenciar algumas reuniões a que assistimos que aquella nossa camarada, por mais duma vez, declarou não tomar compromissos em coisa alguma, em nome da sua classe, pois que lhe era impossível reunir a mesma para a apreciação de qualquer assunto, visto a maior parte ser contrária ás classes terrestres e favoráveis á classe marítima envolvida neste conflito.

De Lisboa veio a esta cidade um industrial de conservas, a fim de se desligar da sociedade a que pertencia, que era a da fabrica «Confiança».

Os seus colegas, porém, ao terem conhecimento do que aqui o trazia, e acompanhando-o ao escritório daquela fabrica, fecharam-lhe a porta do mesmo, applicando-lhe uma sova mestra, defendendo-se este conforme pôde e conseguindo fugir para a rua.

O agredido vai apresentar queixa á autoridade administrativa.

Já se vendeu, hoje, em melhores

—Continua chegando grande quantidade de sardinha, pescada tanto pelos cercos americanos á vela como pelos que trabalham a vapor. O preço da sardinha vai-se normalizando, tendo já alguma sido vendida entre 1300 e 14500, escudos a canastra.

Segundo se afirma, a classe marítima vai dividir em partes iguais o produto da venda da sardinha que os cercos ultimamente tem pescado e venderão a pescar durante esta quinzena.

Se de futuro continuassem a fazer o mesmo, muito teriamos, sob este aspecto, que os elogiar.—C.

Lamentável!

A sorte dos soldados que vieram da guerra

Ontem, á noite, quando nos encontrávamos nesta officina dando início á cotidia e fatigante tarefa da confecção do jornal, entrou-nos pela porta um pobre homem, de aspecto miserável, lendo-se-lhe no olhar uma dor profunda. Acercou-se de nós e contou-nos a sua triste odisseia. Ficara parte de infantaria 16, estivera em Africa e na França, onde ficara intoxicado devido aos gases asfixiantes. Recolheu ao hospital n.º 2 da Base, continuou a tratar-se aqui, sendo depois licenciado. Não tinha pão, nem um centavo para voltar á sua terra natal: Torres Vedras, e as forças faltavam-lhe para emprender essa viagem. Lembrou-se de ir á Cruzada das Mulheres Portuguezas, mas ali não lhe deram nada, disseram-lhe que não era mutilado. Quería que abrissemos neste jornal uma subscrição para arranjar os 1500 necessários para a passagem.

A quantia era pouco importante, não valia a pena abrir-se uma subscrição e de nosso próprio bolso demos ao pobre homem a quantia para se transportar á terra onde vive sua familia.

Este triste caso prova bem á evidência o interesse que o Estado tem pelos homens que em França se bateram e arriscaram a vida em nome da «Liberdade» e de uma «Civilização» que os deixa ali pelas ruas esmolando o pão de cada dia.

Nos operários da Construção Civil

O Conselho Federal desta industria, ontem reunido, tendo apreciado os boatos ultimamente espalhados pela imprensa, acerca dum movimento de caracter politico, a propósito do que se pretende especular com o operariado organizado, declara que a organização da Construção Civil nada tem que ver com movimentos dessa ordem.

Exorta os operários desta industria a que se mantenham firmes e indiferentes, estando attentos ás resoluções da Federação, pois que não nos devemos prestar a desempenhar o papel de comparsas em assuntos que só interessam aos escaladores do poder, reservando as nossas forças para quando verificarmos algo poder fazer em favor da causa do proletariado.—A Federação.

Corrigindo

No nosso editorial de ontem há um lapso, devido ao cancrada tipógrafo, que de certo modo prejudica o nosso pensamento. É quasi ao fim da 1.ª columna. Onde se lê: «...e a alma popular está com os republicanos», deve ler-se «...e a alma popular não está com os republicanos», etc.

Assim é que havíamos escrito e assim é que está certo.

Trabalhadores! Lede e propalad A BATALHA.

VER NA 4.ª PÁGINA:

Noticiário diverso

PELA POLÍTICA

Até menos os carceiros, quando vão, para o Parlamento não votam no carnicero que os ha de matar nem no burguez que os ha de comer. — Mirabeau.

No palco parlamentar

A pontualidade de S. Ex.^{as}

Pelo regimento, as sessões da câmara devem principiar ás 14 horas, e assim o annuncia sempre, ao encerrar as sessões, o presidente da câmara.

Por hábito ou por conveniência, as sessões tem no entanto principiado sempre ás 15 horas.

Para não succeder o que succedeu em uma das últimas sessões, isto é, para que alguns senhores deputados não fossem apanhados de surpresa, o sr. Tavares de Carvalho pediu ante-onde ao presidente que o elucidasse sobre se, de futuro, a 1.^a chamada era feita ás 14 horas ou só ás 15, ou a que horas se faria.

Apesar do presidente ter respondido que a 1.^a chamada se faria ás 14, ontem, por um triz, que não houve sessão por falta de número.

Erão 14 horas quando, como manda o regimento, se fez a primeira chamada. Como não houvesse número, esperou-se até ás 15 horas, fazendo-se, então, a segunda chamada, depois do que se fez a leitura da acta, finda a qual o presidente declarou estarem presentes 53 deputados e pôs a acta em discussão.

Como o *quorum* é 59, ainda não havia número. Sobre a acta ninguém pediu a palavra, o que a todos fez supor que não ha sessão. Mas, imediatamente, por milagre do presidente, por este foi declarado estarem na sala 59 deputados. Foi, então, posta á votação a acta, que foi aprovada e lida o expediente.

E censuram os pais da pátria por os funcionários irem tarde para as repartições!

Iniquidades legítimas.—Por onde se conhece o indivíduo mentiroso ou o que fala verdade.

Logo ao principio da sessão, o presidente consulta a Câmara sobre se autorisa o sr. Ladislau Batalha a usar da palavra em negócio urgente, para tratar de iniquidades ilegítimas e imoriaes dentro dos hospitais de S. José, Deserto e outros, e de desastrosas consequências para a ordem pública.

O sr. Brito Camacho:—Há iniquidades legítimas?

O sr. Ladislau Batalha:—Sim, senhor! São aquelas que estão consignadas nas leis.

O sr. Brito Camacho embatueca, a camara rejeita a urgência e o sr. Ladislau Batalha pede, então, a palavra para antes de encerrar a sessão, estando presente o sr. ministro do trabalho.

Com effeito, no final da sessão o sr. Ladislau Batalha usa da palavra referindo-se ao não cumprimento do horário de trabalho nos hospitais e citando factos demonstrativos da desorganização dos serviços hospitalares.

A sua affirmativa de que havia médicos que assignavam o livro do expediente, em sua casa, levado por um empregado, de oito em oito dias, levantou, porém, protestos por parte do sr. Hernando de Medeiros, que é médico hospitalar, e que afirma ser falsa e caluniosa a revelação do sr. Ladislau Batalha.

O sr. Hernando de Medeiros, que defende a sua classe exaltando-lhe a honra, o sacrificio, o desinteresse e outras qualidades que os pobres diabos que, sem protecção, recolhem aos hospitais sobejamente conhecem, com honrosas excepções (em todas as classes ha quem não tenha consciência profissional e a esses precizam-se o que o deputado socialista se refere)—o sr. Ladislau Batalha, diziam, afirma que o sr. Ladislau Batalha devia, antes de produzir aquella accensão, investigar primeiro e não repetir uma caluniosa informação que alguém, abusando da sua boa fé, lhe prestou, intrujando-o.

O sr. Ladislau Batalha persiste na sua, prometendo trazer á Câmara elementos que fundamentem a sua revelação. Transmite informação: colhidas, é certo, mas pela natureza das pessoas conhece se elas falam verdade ou mentem.

Emigração forçada — Banditismo e escravatura

O sr. Nuno Simões, referindo-se ao intenso recrutamento de indigenas de Angola para trabalharem em S. Tomé, chegando mesmo a fazer-se á força, pedindo mercês providências, pois a permissão esta forçada emigração, a nosa provincia de Angola, que é uma das mais ricas do nosso patrimonio colonial, ver-se ha dentro em breve em difficuldades insuperaveis, pela falta de braços.

Trata-se da criminosa emigração forçada de indigenas de Angola para S. Tomé, empreendida por uma Sociedade constituída nesta ilha, para aquele fim e que tem o governo de Angola a auxiliar no banditismo dessa emigração vergonhosa, a qual, pelos escandalosos processos que se estão usando no *angariamento* á força de milhares de pretos, é muito pior do que a antiga escravatura.

Os pobres pretos sujeitos a essa mobilização civil são remetidos para Loanda onde aguardam transporte para S. Tomé, tendo morrido naquela cidade, devido ao mau tratamento, fome e nudez, nada menos de 52 desde o dia 14 de agosto a 1 de setembro, ou seja uma média de tres por dia.

Esta vergonhosa venda de corpo humano tem enriquecido rapidamente vários sujeitos que nunca deixarão de clamar que o que tem foi muito honradamente ganho com o suor do seu rosto.

Que patifes e que tartufos!

Uma saltada ao Azilo dos Velhos

No senado também ontem houve sessão. Lá demos uma saltada. Os senadores dormiam, emergidos nas suas poltronas, e nem um deles orador sendo a escutá-lo apenas o presidente, por dever do officio. Iamoz também adormecendo.

Enquanto a outra câmara parece uma assembleia de estudantes, esta parece a

THEATRO SÃO LUIZ
HOJE — A celebre revista
O PÉ DE MEIA
ampliada com o novo acto intitulado
O RÓSCIO
e duas novas apoteoses
O mais alegre, deslumbrante e instructivo espectáculo para o povo

sala-de-estar do Asilo da Mendicidade.

Nos bastidores

Um partido de amarelos

Os populares vão desenvolver uma grande actividade em prol da constituição do futuro Partido Republicano Radical. No domingo próximo, na sede do antigo Centro Evolucionista de Santos, que não aderiu a conjunção unista-evolucionista-centrista, realizará o deputado sr. Vasco de Vasconcelos uma sessão sobornado ao titulo «da necessidade de um partido radical na República», e os srs. Júlio Martins, Cunha Leal e Vasco de Vasconcelos partem em breve para o Porto em viagem de propaganda no norte do programa do futuro agrupamento politico cujo orgão na imprensa, que se intitulará *O Popular*, iniciará a sua publicação respectiva já na próxima semana, trazendo no cabecalho, como director, o nome do sr. Júlio Martins ou do sr. Cunha Leal.

Este ultimo, que, eleito por Angola, deverá em breves dias tomar assento na câmara dos deputados virá aumentar a representação parlamentar do partido, que se mostra altamente preparado para entrar na discussão do caso da compra de arroz, em Espanha.

O número de deputados que, neste momento, constitui o Grupo Parlamentar Popular é, segundo as nossas contas, apenas nove, incluindo neste número o sr. Pais Rovisco, que acaba de se desligar do Partido Democrático. Porém, interrogado por sr. Júlio Martins sobre o número de amigos com que conta nesta câmara, o mesmo parlamentar insiste em que o número é muito maior do que aquele. Mas perguntando-se pelos nomes responde invariavelmente que não pode divulgar, pois trata-se de amarelos. A mesma resposta dá, quando se lhe pergunta quem constitui a comissão instaladora do futuro partido.

—Eu, o sr. Fernando Brederode, o Cunha Leal, o Vasco Vasconcelos e outros elementos com que contamos, mas que não posso divulgar os nomes porque ainda se não decidiram... O que lhe posso dizer é que expontaneamente se tem organizado pelo pais núcleos que pretendem seguir a politica radical do grupo.

—E em que terras se encontram já constituídos esses núcleos?

—Evo-ra... Evo-ra... —E onde mais?

Pela força do hábito, o sr. Júlio Martins ia a dizer que por serem amarelos... Mas, caindo em si, rematou:

—E muitas outras, que me não lembram agora.

As 8 horas de trabalho

Empregados no Comércio

Será hoje distribuído profusamente em toda a cidade um manifesto da Federação dos Empregados no Comércio e da Comissão Mista das Associações de Lisboa, convocando a classe ás reuniões magnas que se realizam hoje, amanhã e segunda-feira, na Associação dos Caixeiros, Rua Antonio Maria Cardoso, a fim de se tomarem resoluções sobre a ameaça patronal do encerramento dos estabelecimentos na segunda-feira.

Nestas sessões fazem-se representar a C. G. T. e a U. S. O., estando convidado a assistir também o sr. Dias da Silva, autor do decreto das 8 horas.

O movimento dos profissionais culinários

Segundo nos informam de fonte segura, os patrões, em sua ultima assembleia, resolveram convidar os profissionais culinários a inscrever-se nas condições anteriores, não aceitando as que se tenham salientado no actual movimento, que se continua mantendo, tendo elogiado os criados de meza por se não terem movimentado, afirmando que estes não se incomodam com o ser considerados domésticos, o que os exclui dos beneficios da lei, pretendendo conseguir do ministro do trabalho a inclusão dos cozinheiros como domésticos. No entanto, parece que os criados de meza não estão muito dispostos a deixarem-se ludibriar pelos patrões.

Os grevistas vão formar uma cósinha comunista, para a qual já contam com muitos elementos.

Tem os patrões afirmado que o actual movimento dos culinários é promovido por estrangeiros, mas sabemos de boa origem que a mesa da ultima assembleia patronal era constituída por elementos estrangeiros, sendo o presidente espanhol e os secretários espanhol um e o outro alemão, pintado de francês, isto é, alsaciano-loreno. O patrão que mais guerra tem movido aos culinários é um italiano, proprietário de um hotel no Estoril.

Vê-se, pois, que os estrangeiros estão também do lado dos patrões, não hesitando estes em fazer falsas declarações.

Os culinários reuniram ontem em assembleia magna, deliberando manter-se na sua primitiva attitude.

Caixeiros de Lisboa

Reuniu a direcção desta colectividade que, apreciando as resoluções tomadas na Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, em que se deliberou o encerramento dos estabelecimentos na proxima segunda feira, resolveu convocar uma reunião magna da classe para segunda feira, pelas 21 horas, para se assentar no caminho a seguir.

Para esta sessão estão convidados o sr. Augusto Dias da Silva, autor do decreto, delegados da Confederação Geral do Trabalho e da União dos Sindicatos Operários.

Quo nenhum empregado do comércio falte a esta sessão magna, a mais importante das que se tem realizado pela importância dos assuntos a tratar.

Tem continuado as comissões de fiscalização do horário de trabalho a desempenhar o seu mandato, encontrando alguns transgressores.

Vadios da classe baixa

Respondiam ontem ao governo civil, vários indivíduos accusados de vadiagem, sendo todos absolvidos á excepção de um, que foi condenado e entregue ao governo.

DEFENDENDO A BOLSA

A OPENSIVA CONTRA OS SENHORIOS

A opinião proletária continua a manifestar a sua hostilidade ao anunciado aumento das rendas das casas

Numa importante sessão, ontem realizada na Associação dos Fabricantes de Armas, é combatido o projecto da

... cubagem ...

Correspondendo ao convite da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, promoveu ontem a Associação dos Fabricantes de Armas e Officinas Accessórias uma sessão, para que foram convidados não só os componentes daquela classe, mas ainda o inquilinato do sitio, sessão que esteve largamente concorrida. Presidido ao acto o camarada João Pedro dos Santos, secretariado por António José Marinho e Francisco Pinho.

Usou em primeiro lugar da palavra o delegado da U. S. O., o operário da construção civil Carlos Vicente, que verberou energicamente a ganância dos senhores, denunciando aos seus ouvintes o novo aumento que se prepara na sombra e convidando-os a não o aceitar, nem hesitando em declarar a greve do inquilinato.

A seguir a este orador, que foi escutado com geral agrado, falando com ardor e entusiasmo, foi dada a palavra ao operário gráfico António Rodrigues Graça, que, na qualidade de autor de um projecto de pagamento das rendas das casas por meio da medição da cubagem das habitações, foi agregado á comissão que a U. S. O. encarregou de estudar o importante problema. Esse orador falou durante largo tempo, justificando o seu projecto, que acha exequível, declarando que as casas serão classificadas em varias categorias segundo a sua maior ou menor salubridade, para effeito do pagamento da renda por metro cúbico.

Foi concedida, depois, a palavra ao camarada António de Almeida Resolvido, que se referiu ás perseguições ao movimento operário brasileiro, após o que bordou algumas considerações sobre o problema da habitação barata em Lisboa.

José Ferreira, como delegado dos Fabricantes de Armas á U. S. O., historiou o movimento contra o aumento das rendas das casas, afirmando que he causou grande admiração o facto da nova comissão administrativa da local dos sindicatos, ter aprovado uma moção admitindo um aumento de 50 0/0 sobre as rendas de 1914, pelo que o orador lhe retirou o seu apoio. Referindo-se ao projecto de António Rodrigues Graça, não o reconhece exequível, não compreendendo que se possa dividir a cidade em diversas zonas, para o estabelecimento do preço do metro cúbico, pois muitas vezes ao lado de um prédio insalubre e quasi em ruínas se encontra uma construção de data recente e dotada de todas as comodidades. Não concorda com o projecto, não o pôde admitir e a sua associação contraria-lhe há o mais possível. Em sua opinião, a acção do proletariado deve limitar-se á energia exigência do abastecimento dos preços dos alugueiros.

Júlio Luis também se manifestou hostil ao projecto da cubagem, achando-o de tal modo confuso e complicado que é impossível faz-lo interessar á classe operária. Nem o movimento operário, nem o governo, nem qualquer entidade pôde dispor dos elementos necessários para se medir os milhares de prédios parastantes em Lisboa. Segundo o orador, que é necessário neste momento é o protesto energico das massas trabalhadoras, que não devem contentar-se com a ganância dos senhores. É possível que de futuro o projecto se possa realizar, mas agora são precisas coisas práticas. Confia na energia do proletariado de Lisboa, tantas vezes afirmada. Terminou este orador o seu discurso com a apresentação duma moção em que se dá todo o apoio ao movimento da U. S. O. e se lembra a este organismo a necessidade de voltarem as rendas aos preços de 1914; a moção termina com um voto de apoio aos delegados do Arsenalistas na local dos sindicatos, para que a offensiva contra os detentores da habitação resulte energica e eficaz.

Pedro Pena, delegado dos alfaiates, associa-se ás declarações dos oradores antecedentes contra a descaravel exploração dos senhores, assim como á que exercem determinados inquilinos que alugam quartos.

José Esteves declara-se pessimista, não achando fácil pôr cobro á exploração dos senhores. Em sua opinião, a verdadeira solução seria o povo trabalhador tomar conta das casas, não pagando rendas e não consentindo que delas os expulsassem, enfim, entrar numa acção francamente revolucionária. O povo de Lisboa, que desde 1910 tem tido uma vida revolucionária, num republicanismo que só aos politicos tem servido, deve afluír ao confio de quinta-feira, não só aprovando as resoluções que ali se apresentarem, mas também pondo-as em prática.

José das Neves, delegado dos alfaiates, volta a usar da palavra, apresentando um aditamento á moção de Júlio Luis, em que está compreendida a modificação de José Luis, foi aprovada unanimemente.

No final da sessão, foi aberta uma subscrição a favor dos jovens sindicalistas, que renderam 3850.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Além de se não prejudicar o expediente do nosso orgão *A Batalha*, e que se não deu a nota completa do extracto da assembleia de delegados, porquanto suspendeu os seus trabalhos á 1,30, para continuar na segunda feira, 24, pelas 20,30, prefixas.

Como na nossa ultima noticia dissemos, e que a *Batalha* publicará hoje, para melhor elucidação do publico, foi presente o projecto de barateamento das rendas das casas sobre o seu as-

pecto geral, que foi defendido e atacado por varios camaradas, chegando a haver uma certa agitação.

Assim, estando demorada a questão, foi enviada á mesa uma moção, que, mostrando vontade de acertar, mais complicações trouxe, sendo por fim presente um requerimento para se proceder á votação do projecto, sem prejuizo dos oradores e por votação nominal, cujos resultados foram 16 aprovações e 3 rejeições, tendo-se já seis dos delegados ausentes por afazeres diversos, e havendo ainda duas declarações de voto.

Foi resolvido que, no comicio a realizar, fôrça proposta a greve do inquilinato, não se pagando o aumento que tentem fazer, ou ainda mesmo aquele que já este mês fizeram, de 1 de Dezembro em diante, até que o parlamento aprove o novo projecto, se for aprovado no comicio e sessões de propaganda, ou se outro melhor não for presente. Mais se resolveu que e por bairros ou freguezias, se organisem ligas de defesa do inquilinato, a quem caberá o papel de fiscalizar os actos de uns e outros, isto é, senhores e inquilinos, a fim de manter a integridade da greve.

O projecto de barateamento das rendas das casas, aprovado na ultima assembleia de delegados da União dos Sindicatos Operários, é do teor seguinte:

Como é já do conhecimento dos camaradas o nosso projecto tem por base o metro cúbico. Ora, é ou não é um facto que quasi para todos os actos da nossa vida nós nos servimos da medida do peso? E' ou não é certo que aquilo que de outro necessitamos tem com, peso e medida? Não será também verdade que a roupa que vestimos e até o calçado obedece a uma medida, á agua que gastamos é aos metros e os alimentos que ingerimos é ao litro ou ao quilo? E' Porque será então que a casa que habitamos—cujo terreno o seu proprietário comprou a metro quadrado e cujos materiais de construção, pedra, madeira, pregos, tintas, etc., e até os operários que a construíram tinham medida, tinham uma base de trabalho, base pela qual elles recebiam os seus saláries, base que era e continua sendo a hora, só recebendo aquelas em que produziam—não é paga também por medida? Não achamos nisto um absurdo.

Em harmonia com o projecto, Lisboa seria dividida em três zonas, em cada zona um preço para o metro cúbico, que na primeira, zona central, seria de \$05; na segunda, zona oriental, \$04; ainda 2.^a, zona ocidental, \$04; 3.^a, zona oriental, \$03; 3.^a, zona ocidental, \$03; dentro dessas zonas, as casas comerciais pagariam mais cem por cento do preço estabelecido para o metro cúbico da casa de habitação; o escritório também cem por cento, a casa onde estivessem instaladas officinas mais cincoenta por cento, e aquela que fosse simultaneamente de industria e comércio ou industria e escritório, setenta e cinco por cento; sagueiros ou terrageiros pagariam, pelo metro quadrado, a quarta parte do que pagasse o metro cúbico; os quintais, cada metro quadrado um terço do cúbico, e finalmente o jardim pagaria por cada metro quadrado metade do valor do cúbico. Dentro de uma zona que estivesse compreendida ao preço de X, isto é: a um preço mais elevado em relação a uma outra zona de preço mais baixo, por que fica mais longe ou porque é mais insalubre, existindo esses bairros pobres e insalubres, se não esses bairros levados á categoria da zona de preços mais baixos. As casas que de obras necessitassem, enquanto o senhorio as não mandasse fazer, decresceriam 25 por cento do valor estipulado.

Mais ainda: na porta de cada habitação—pelo lado exterior—seria colocada uma chapa, fornecida pela Câmara Municipal de Lisboa, que teria gravados em letra bem legível qual os metros cúbicos da casa e os quadros de sangüino, quintal ou jardim, indicando ainda qual o preço da renda. Com o produto da venda dessas chapas poderia a câmara auferir uma regular receita que utilisaria empregando em beneficio de tantas e tantas obras que necessita fazer; seria rigorosamente castigado o senhorio que não quizesse colocar a chapa ou que esta arrancasse ou ainda o que a falsificasse.

Empregados da Carris de Ferro

A classe dos empregados na Companhia Carris de Ferro, reúne amanhã em assembleia magna, pelas 20 horas, afim de apreciar a questão do inquilinato, tendo sido pela direcção do seu sindicato publicada uma moção de protesto contra a ganância dos senhores.

Construção Civil do Beato e Ol-vaes

Neste organismo effectua-se amanhã, pelas 15 horas, uma sessão de protesto contra o anunciado aumento das rendas das casas, usando da palavra delegados dos mais importantes organismos sindicais.

Uma sessão de protesto em St. Izabel

Na Escola Amigos da Infância, rua Maria Pia, 124, 1.^a, realiza-se amanhã, pelas 15 horas, uma sessão de protesto contra o aumento da renda de casas, promovida por um grupo de operários filiados na Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal. Pede-se a representação dos organismos operários.

Polícores de Móveis

Na assembleia geral que ontem realizaram foi aprovada por unanimidade uma moção, protestando contra o assalto dos senhores á bolsa dos inquilinos, dando o apoio á U. S. O. para que leve a effeito um movimento monstro contra tal rouboleira.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Reuniu ontem o Conselho Federal, tendo sido nomeadas comissões para pôr a funcionar a Bolsa de Trabalho e Solidariedade, de maneira a entrar em execução no dia 1.^o de Janeiro de 1920.

Também foi resolvido publicar no nosso jornal *A Batalha* uma representação sobre a construção do Trabalho, com os nomes de indivíduos que, sem serem desta industria, estão como comendatários no Bairro Social do Porto.

Foi resolvido officiar-se á Comissão Inter-Sindical e á União dos Sindicatos Operários sobre o movimento contra a carestia da vida. Foram nomeados a assistirem á fundação da Associação da Construção Civil de Vendas Novas, ás sessões na Parede e Beato e ao aniversário da Associação dos Cantieiros. O secretário administrativo convidou os delegados que ontem não levaram, para os seus sindicatos ou secções, o orgão desta industria *O Construtor* a virem hoje, até ás 13 horas, buscá-lo ao gabinete da Federação.

(Comissão Inter-Sindical).—Reuniu ontem este organismo com a presença de todos os sindicatos á excepção da Federação e Cerâmicos. Deliberou fazer sessões de protesto contra a ganância dos senhores e carestia da vida na proxima terça feira, em todas as secções e na sede.

Hoje reúne, pelas 20 horas, a assembleia de delegados, devendo estar presente a comissão permanente, para tratar dos pintores navais.

Federação Nacional Corticeira.—Previne-se todos os sindicatos da industria de que partiu ontem definitivamente em missão de propaganda a comissão delegada desta Federação. Pede para que os respectivos sindicatos estejam ao corrente das comunicações desta comissão, para que não seja demorada a sua missão.

A comissão de propaganda pró melhoramentos realizou ontem uma sessão no Sindicato do Barreiro, sendo enormemente concorrida pela classe local.

Foram apreciados com entusiasmo todos os melhoramentos que a Federação pretende levar á pratica, tendo sido também aprovada em principio a moção que a mesma comissão apresentou.

A comissão marcou para depois de amanhã uma sessão no Sindicato do Seixal, para o mesmo fim.

Inscritos Marítimos Portuguezes.—Tendo as companhias de navegação aceitado a tabela de soldadas apresentadas por esta associação, já hoje poderá sair o vapor S. Miguel e effectuar se hão as matrículas dos restantes paquetes surtos no Tejo.

Serventes de Pedreiro e Estucador

Reuniu na passada quarta feira, em assembleia geral, resolvendo, entre outros assuntos, nomiar delegado ao Tribunal dos A'rbitos Avidores o camarada João Gomes. Nomeou também um delegado á Juventude Sindicalista da Construção Civil, em organização.

Convidam-se todos os camaradas jovens da construção civil a inscreverem-se como sócios desta juventude, achando-se aberta a inscrição neste sindicato.

Operários Cerâmicos.—Reuniu a direcção anteontem, juntamente com o seu delegado á U. S. O., para este comunicar os trabalhos encetados por aquele organismo para obter a que os senhores levem á pratica um novo assalto á magna bolsa dos inquilinos.

Foi também apreciada a forma como é executada a lei das 8 horas de trabalho em duas fabricas cerâmicas. Na Empreza de Malpique, que devia ter três fornos, só há dois; devia também ter dois guardas mas só tem um. Na Produtora, pertencente a Artur G. Baptista, succede a mesma coisa, ao passo que há três camaradas sem trabalho.

Esta direcção ainda reuniu juntamente com a direcção da Construção Civil de Palma, para apreciar os trabalhos preparatórios da organização do Sindicato Unico da industria da Construção Civil.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico.

Secção de Almada.—Os soldadores das Fabricas de Conservas de Lisboa, Almada, Mutela, Seixal, Trafaria, Caparica, Ginjal e Caçilhas, reúnem amanhã, ás 14 horas, na sede desta secção, instalada na Associação de Classe dos Corticeiros de Almada, Largo do Catita, a fim de acordarem na forma de conseguirem que todos os industriaes acedam ás suas reclamações.

Trabalhadores de Teatro.

Ao abrigo da alinea c) do art. 34.^o do estatuto da A. C. T. T. é convocada a assembleia geral para ás 14 horas de amanhã, no Teatro Apolo, para apresentação do relatório da comissão de sindicancia, continuação dos trabalhos do dia 16.

Manufactureiros de Calçado.

Convidam-se os camaradas que fazem parte do Grupo Solidariedade Pró-José Dias a reunir hoje, na sede da associação, ás 21 horas, para tratar de assunto urgente.

Federação Nacional Corticeira.

Pede-se a comparência dos delegados, amanhã, na sede da Federação, em Mutela, ás 12 horas.

Condutores de Carroças.

São avisados todos os companheiros que devem comparecer na sede da Associação amanhã pelas 14 horas, a fim de se proceder á eleição do vogal para o Tribunal dos A'rbitos Avidores.

Orfãos ao abandono

O Albergue das Crianças Abandonadas recolheu Américo Banha, de 5 anos e Diogo Banha, de 3 anos, que tendo ficado orfãos, foram encontrados ao abandono pela cidade.

Uma prisão

A policia da Segurança do Estado prendeu o pitor da construção civil Carlos Alberto, por suspeito de estar implicado nos factos occorridos na rua de Serpa Pinto, quando eram conduzidos, para a Torre de S. João da Berta, os presos politicos porseguidos pelo desembrismo, e que estavam apanhados nos celabonos do governo civil.

A Batalha em TOMAR vende-se

na officina de alfaiate e seralizador de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe annuncios e correspondencias.

ULTIMAS NOTICIAS

O operariado e as 8 horas

Na sessão ontem realizada na União dos Sindicatos Operários, o sr. Dias da Silva é vivamente atacado por varios oradores

Como fôra anunciado, realizou-se ontem, pelas 21 e meia horas, na sede da U. S. O., uma sessão contra a pretendida modificação da lei das 8 horas de trabalho, inicio de outras que aquele organismo promoverá nos diversos sindicatos de Lisboa, e para a qual fôra convidado o sr. Augusto Dias da Silva, como autor da citada lei, quando ministro do trabalho.

O camarada presidente expôe o motivo que levou a U. S. O. a convidar o deputado socialista Dias da Silva. Antes de lhe dar a palavra, leu a moção que a seguir publicamos:

Considerando que o dia de 8 horas máximas de trabalho, é já uma valha aspiração do proletariado;

Considerando que a mesma aspiração remonta já ao ano de 1888 em que os governos de então da grande America do Norte executaram sete dos nossos camaradas que não se evocariam nesta luta, conhecidos como sendo os mártires de Chicago;

Considerando ainda que em Portugal a mesma aspiração tem feito também vítimas pela reivindicação das 8 horas, e a consequente tenção a construção civil;

A assembleia magna do proletariado, a convite da U. S. O., hoje reunida, resolve:

1.^o Que jamais cessará a luta em quem for, senão no seu próprio esforço para a conquista da mesma aspiração.

2.^o Não concordando em absoluto com a doutrina do Decreto e Regulamento da Lei do horário do trabalho, não consentirá, custe o que custar, na sua modificação para pior.

3.^o Que se continuará na luta, até completo estabelecimento da velha aspiração do dia máximo de 8 horas de trabalho. — A Comissão Administrativa.

Após a sua leitura, Dias da Silva diz ter ouvido com agrado a moção e que com a elle concorda e que os trabalhadores devem criar uma consciência forte, pois sem isso nada se pode conseguir. Sendo o autor da lei das 8 horas de trabalho, já não teve occasião de fazer o respectivo regulamento. Este veio, por assim dizer, prejudicar o seu espirito e os trabalhadores devem exigir, por todos os meios, o seu cumprimento integral, sendo necessária, para isso, a acção directa dos sindicatos, afirmando não haver governo ou juiz, a propósito de qualquer violência nesse sentido, que condemnem alguém, porque é uma lei que se defende.

As classes patronais pretendem a sua alteração, mas deve ter-se em vista que ella estatui o dia normal de 8 horas ou 48 por semana. Diz que a forma como o governo tem tratado as reivindicações operárias, dá lugar a que os reacçãoarios estejam animados da vontade de fazer das suas, aproveitando este momento da effervescência das reclamações dos trabalhadores para conseguirem os seus designios, mas os governos não fazem caso de quem os avisa, continuando na sua politica de odio ás classes operárias, deixando ir o país para o caos em que se afunda. Tem demonstrado a sua incompetência e a sua imbecillidade, permitindo os maiores latrocinios.

Cita factos a quando a sua estada no ministério e passa em revista alguns casos que tem provocado a enorme carestia da vida, dizendo que os grandes financeiros ludibriam constantemente as classes trabalhadoras, sendo necessária uma força energica destas a obrigar o governo a entrar noutra caminha.

Sobre a execução da lei, diz que as autoridades não tem ordens para a fazer cumprir e o governo afirma não ter conhecimento de que haja quem previeque, quando está demonstrado ser elle o unico culpado da sua não execução. Faz ainda outras considerações sobre o problema social na generalidade.

Fala a seguir António de Oliveira, que rebate algumas das affirmações do orador antecedente, dizendo que o operariado quer o horário máximo das 8 horas de trabalho, devendo, portanto, cumprir-se, custe o que custar, pois antes delle serem decretadas já muitas classes as tinham reivindicado pelo seu próprio esforço. Afirma que Dias da Silva veio ali fazer propaganda eleitoral e que sobre a lei nada disse de concreto. Os trabalhadores não devem contentar com o parlamento para nada e reconhecendo-se a incompetência dos governos mostramos a nossa vitalidade. A umas considerações feitas por este orador, Dias da Silva reptou a uma controvérsia, que oportunamente se realizará. O orador termina, citando o facto de Dias da Silva ter dito que a acção directa faz falta para o cumprimento da lei, reconhecendo, por isso, a inutilidade do parlamento e do governo.

Segue-se o camarada Corvo, pela Federação dos Empregados no Comércio. Diz que tendo ido como membro de uma comissão da sua classe tratar do cumprimento da lei junto do presidente do ministério, ficou capacitado de que á frente do governo está um espirito retrógrado e reacçãoario, que nada conhece da questão social, parecendo mentira que tal succede numa República. Afirma que os caixeiros não aceitam horas extraordinárias e se os patrões conseguirem esmagar a lei, elles estão dispostos a defendê-la energeticamente, pois que é uma reivindicação dos trabalhadores e não uma esmola do governo.

Pedro Santos fala como membro da Comissão e diz que não se alastrará, e te o que custar, do caminho que a classe lhe indicou que se segue e sabera o responder á confiança que nele depositaram e leva bem firme o seu prestigio.

Agostinho da Silva explica que a comissão assim procedeu, foi por entender que seguia o melhor caminho e pról das reivindicações, sendo applaudido ao terminar esta explicação.

<

A BATALHA

CARACAS, 17

A garantia do comércio e a reabertura da Câmara Municipal faz com a carne

Dissemos há dias que o conselho se achava cheio de gatunos que exploram sem escrúpulos as classes pobres, e não temos dúvidas em prová-lo. A própria Câmara Municipal entendeu por bem explorar igualmente os seus membros, elevando os preços das carnes, visto que ela é a monopolizadora do cidade arrego.

Porque monopolizou a Câmara a carne? Misterio que ainda não se descobriu senão um ponto: para empregar mais duzentos salários e prejudicar o povo. Nada mais. Admitida a hipótese de que a Câmara possa negociar com os seus membros; onde empregou ela dinheiro que tem ganho com a municipalização da carne?

O conselho vive à matança, ao Deus dará, em que se vejam melhoramentos de escassez alguma e no entanto sabendo que a Câmara ganha dinheiro com a venda das carnes. Isto é positivo.

Além disso, a Câmara (Câmara?) não faz isto há muito tempo, e a Câmara não tem nada de novo sobre as casas comerciais do conselho, que diz, ao povo, visto que este é quem tem de pagar tudo, a pretexto de não ter verba para os seus encargos.

Que vergonha! Uma Câmara que tivesse brio, em vez de procurar explorar o povo, buscava antes favorecer a nossa hora dolorosa.

A Câmara deste conselho aumenta os preços, quase mensalmente, um artigo que monopolizou, para que considere a venda exclusiva em prejuízo do povo.

Dentro da Câmara está um homem que se chama José Vicente Ferreira, que foi eleito por sessenta votos dos operários e da classe de que a sua voz trinitaria ecoava naquela sala e achava-se em todos os vereadores que ainda hoje o bando de vilões, a cada vez que se reúnem, se lembra de si e do seu erro. O povo não pode esquecer a sua voz trinitaria e a sua voz de quem não se dá por satisfeito.

A era do despotismo terminou e a de aqueles que tentam reerguê-lo.

Estamos fartos e cansados de sermos roubados por toda a espécie de tunantes que se lembrou de ser rico de um momento para o outro.

Estamos fartos, fartíssimos!

Não pense, para a Câmara de Caracas, que não choramos de tunantes porque mal vai aos que assim pensam. Busquem antes proporcionar ao povo um dia de liberdade, de liberdade, e terão o nosso apoio. De contrário sujeitar-se-ão aos ataques mais violentos, até que se lembrem de nos enviar a Boa-direção.

Antes que tal se dê, envolverem por caminho diferente. É um conselho e não uma ameaça.

Pensem, estudem e matitem, pois já tem ideia para isso, e verão depois se tem ou não razão. — C.

PRIMA DA GRAVIA, 17

Um médico requereu a pagar para os seus doentes e vende-o ao público a 2\$00 e 4\$11. — Um verdadeiro escândalo!

Tem sido bastante comentado este caso escandaloso e a veracidade repugnante. O Dr. Sam, de Arcozelo, requereu do Delegado do Ministério da Saúde, a fim de que fosse feita a análise da água, sob o pretexto de que os seus doentes necessitavam de água potável, e a veracidade repugnante.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

CASTELO BRANCO, 18

Cooperativa de consumo

No dia 12 do corrente, pelas 8 horas da noite, reuniu-se nas salas do Centro Artístico Alcabatense, a assembleia geral da Nova Cooperativa de Consumo de Castelo Branco, para aprovação e discussão do projecto de estatutos e eleição dos corpos gerentes e a comissão organizadora da mesma, dar fim aos seus trabalhos, foram discutidos na especialidade e aprovados com poucas alterações.

Procedeu-se à eleição dos corpos gerentes que deu o seguinte resultado:

Assembleia geral: Presidente, Jaime Roberto Cardoso; Vice-Presidente, Francisco Nunes; 1.º Secretário, José Pedro Monteiro; 2.º Secretário, Joaquim dos Santos Chito; Vice-Secretários, José da Silva Borronha e José Antunes Rocha.

Direção Administrativa: Presidente António Antunes da Silva Máximo; Secretário, João do Nascimento Costa; Tesoureiro, Ernesto Lopes Pinto; Substitutos, António Marques da Fonseca, Domingos Portela e Cesar Augusto.

Conselho Fiscal: José Ordas Caldeira Lucas, Manuel dos Passos Junior, Manuel de Brito Coelho da Faria, José Baptista e Manuel Marques Candeias. — C.

VILA NOVA DE GAIA, 19

O horário de trabalho — Associação que se reorganiza — Várias

Reuniu-se ontem a assembleia de delegados da U. S. O. de G. a. C. estando representados as classes metalúrgicas, têxteis, têxteis, fabricantes de capas para garrafas, construtores navais e catavetores.

Continuam ainda a brilhar pela ausência os cerâmicos e trabalhadores fixos.

Lido o expediente, e depois de alguns assuntos discutidos, tratou-se do trabalho, foi resolvido efectuar ab administração do conselho, dando-lhe conhecimento de que a lei não é cumprida e exigindo desta autoridade o seu fiel cumprimento.

Tomaram-se outras importantes resoluções de carácter sindical, sendo também resolvido o oficial à Associação dos Professores Primários de Gaia, a fim de dar a adesão a este organismo e, consequentemente, nomear os seus delegados.

Tratando-se da reorganização da Associação da Construção Civil, foi resolvido unir a U. S. O. e a U. S. O. de G. a. C. para fazer e distribuir um novo convencionário para uma reunião desta classe no dia 25 do corrente, a qual assistirão delegados da U. S. O. e que se realiza na sede da Associação dos Têxteis, à avenida da República, 1537.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Em assembleia magna, reuniram ontem os operários fabricantes de capas de palha para garrafas, com a presença do camarada Barreto, delegado da U. S. O. local, sendo o imenso entusiasmo, dando-se na atitude da classe grande entusiasmo.

Tratando-se da lei que institui os Seguros Sociais Obrigatórios, foi resolvido não nomear delegados para a sua constituição.

A respeito do horário de trabalho tomaram-se resoluções no sentido de fazer cumprir a lei.

A cerca das reclamações a apresentar à classe patronal, tratou-se de uma discussão aprovando-se uma tabela de preços de mão de obra, com o aumento de 5 por cento, e resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Resolvido declarar a greve nas casas que não atendam as reclamações da classe.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelários
Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

LIMA NETO, MOURA & C.ª

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844 TELEGRAMAS: "IMAN"

AMBRINA

Para queimaduras, frieiras, acidentes de trabalho, como golpes, contusões, etc.

A venda em todas as farmácias

Agentes gerais: CALDAS, Ld.ª

T. REMOLARES, 30, 2.º

Aos Marceneiros

CHEGOU nova remessa de folha

Nogueira Mogno Pau Santo Sicó-mór Olho de Perdiz Carvalho

Madeiras serradas em todas as grossuras, por ter máquina de folha. Sempre em depósito madeiras serradas de todas as qualidades.

Estância de madeiras — Largo dos Inglesinhos — Sabino da Silva

DINHEIRO

18, Rua do Loreto, 20

JOSÉ MAYER

Nesta acorrida casa, continua-se trabalhando sobre todos os objectos, quer em roupas, ouro, joias, mobiliário e outros artigos, sempre com o máximo de perfeição, dando-se um juízo. Seriedade e sigilo.

Compra e vende antiguidades, coisas completas e móveis desmanhados.

— ASFALTO —

Excecção rápida de qualquer trabalho em asfalto e em Lisboa. Único estabelecimento contra a humidade e salitre nas paredes.

B. Vitorino Damascio, 16 e 18 (Ao Jardim da Estrela) (615)

Telef. 3789 José A. Alves

Solas e Cabedais

COLOSSAL SORTIDO e miúdasas que diz respeito

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Trem à disposição dos Ex. mos — fregueses —

TELEFONE 949-C

TELEGRAMAS Tremcabedais

RUA DA MOURARIA, 93-95

LISBOA N.º 680

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES (Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de prédios, greves e tumultos (só em prédios e mobílias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

OURIVESARIA

A REALIDADE

OURO E JOIAS

Compra e vende por melhor preço

OURIVESARIA

A Realidade

44, Rua Eugénio dos Santos

(Antiga Rua de Santo Antão)

TUBO de chumbo novo

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas. Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas. Prancheta de ferro 1" x 3/16.

Mola cana 1" 1/2 x 1/2. Folhas novas de molas.

Vorgalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado. Ferragem diversa para navios.

Paus de carga. Um motor a gaz pobre completo Stoopport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro. Uma ventoinha 7" 3/4.

Duas enfardadeiras para palha. Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças de exportação. Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52 — Tel: C. 4317.

As valentes e PERAS

Para a rapaziada

Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7\$500, 9\$250 e 9\$750.

Botas pretas ou de cor a 6\$750, 8\$750, 9\$750.

Botas pretas de vitela americana a 10\$500, 12\$500, 13\$500 e 15\$500.

Sapatos em pelica para senhora a 6\$750, 7\$500 e 8\$500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 11\$500, 12\$500 e 14\$500.

Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Noticias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

TENHAM JUÍZO

Calçado para homem, senhora e criança. Grande redução de preços.

206—RUA DA MADEIRA—208

SAPATARIA BRASIL

Banco de Portugal

Até às 3 horas da tarde do dia 26 do corrente recebem-se neste Banco requisições para admissão de caixeiros ajudantes.

A prestação das provas práticas só podem ser admitidos os candidatos que não tenham menos de 18 anos de idade, nem mais de 30, e provenham de habilitação com o curso complementar dos liceus (7.º ano) ou com qualquer dos cursos oficiais do comércio.

São preferidos, em igualdade de circunstâncias, os que tiverem o Curso Superior do Comércio e boa caligrafia.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

Pelo Banco de Portugal

OS DIRECTORES

H. Matheus dos Santos, J. P. C. Neves.

Carpinteiros